



Representação Parlamentar do  
Partido Popular Monárquico  
Açores

## **Declaração Política**

### **(A crise económico-social e a desagregação governativa)**

Senhora Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Os Açores estão hoje a viver uma crise económica e uma degradação da situação social que não tem precedentes na História da nossa autonomia. Não se trata aqui de fazer um discurso de crítica política gratuita por parte de um partido da oposição. Eu estou aqui a cumprir um imperativo de consciência. A dar voz a todos os que não têm voz. A dar cara por aqueles que a temem dar. A falar por todos os que já só têm energia para esboçar murmúrios de lamento e de discordância.

Meus senhores! Eu estou chocado com o número de sem-abrigos e de pedintes que se multiplicam nas nossas cidades. Estou chocado com o número de pessoas que já só vivem da caridade alheia e de uma ocasional sopa de caridade. Estou chocado com os números gigantescos e brutais do desemprego real.

Estou chocado com as perspectivas negras que incidem sobre a agricultura açoriana sem que o Governo Regional consiga reagir. Estou chocado com o desmantelamento e a destruição progressiva do sector das pescas. Estou chocado com a paralisia total do sector da construção civil e com a incapacidade total deste governo em concretizar qualquer género de investimentos.

Estou chocado com o desempenho de um Secretário da Saúde que soma já dois anos de esforços desesperados para desmantelar o serviço regional de saúde, algo que o mesmo já logrou, em grande medida, alcançar. Estou chocado com o desempenho governativo que colocou o



Representação Parlamentar do  
Partido Popular Monárquico  
Açores

sistema educativo regional e as nossas escolas no último lugar de todas as tabelas que medem o aproveitamento escolar dos nossos alunos.

Meus senhores! Enquanto tudo se desmantela e cai em nosso redor, onde está o Governo dos Açores? Onde está o Governo dos Açores? Apetece-me colocar, aqui e agora, um cartaz ao melhor estilo do faroeste a dizer: procura-se o Governo dos Açores, que se encontra em parte incerta.

Posso dar algumas pistas. A última vez que se ouviu falar no governo socialista açoriano foi a propósito de um assunto inexistente e do envio de uma carta do Presidente do Governo Regional para o líder da caótica bancada governamental no Parlamento. De uma carta, meus senhores! Eu ainda não sei qual foi a resposta e tenho a certeza que o Presidente do Governo também não. É que os CTT já não são o que foram.

Temo que, a este nível de regressão tecnológica, a próxima comunicação governamental nos chegue sob a forma de um papiro e que seja lida à luz das velas. Mas ainda pode piorar e com consequências graves para esta Casa. Ainda ontem vi o inefável líder parlamentar socialista, o deputado Berto Messias, afundado em dificuldades próprias, esboçar uma espécie de sinais de fumo para Lisboa.

É que o líder parlamentar do PS é uma espécie de cabo-de-guerra feudal. Manda avançar os peões para o massacre inicial e só depois, muito depois de a batalha terminar, é que é possível, por entre a neblina da derrota, ver a silhueta intacta de um guerreiro que não compareceu no combate.

Mas meus senhores. O que eu aqui descrevi é apenas uma caricatura da descoordenação governamental e do poder partidário que lhe está associado. Num momento grave, em que os Açores enfrentam dificuldades inauditas, o que necessitamos é de ter um governo coordenado, ambicioso, competente e inovador. O que temos é muito diferente.



Representação Parlamentar do  
Partido Popular Monárquico  
Açores

O governo e o poder socialista entraram num processo de feudalização. O atual Presidente do Governo Regional - sucessor do nosso Carlos Magno açoriano, que fugiu para Lisboa um pouco antes da borrasca - detém apenas um poder simbólico. No fundo, o que temos em vigor no poder açoriano é um triunvirato formado pelo Dr. Vasco Cordeiro, pelo Sr. Carlos César e pelo Dr. Sérgio Ávila. Não necessariamente por esta ordem.

Abaixo deles reina o caos, no âmbito do qual emergem - cada vez mais atrevidos e descarados - pequenos potentados locais. Nestas circunstâncias, cada um dos senhores feudais do poder socialista faz mais ou menos o que lhe passa pela cabeça e corre, rumo ao futuro, em pista própria.

Não existe hoje um governo unificado nos Açores. A ação governativa é apenas reativa e está muito longe de ter uma ação concertada e planeada no tempo. O Governo Regional assemelha-se a um navio decrépito, que decidiu lançar âncora no meio de uma tempestade. Neste cenário, os tripulantes têm como única função lançar baldes de água pela borda fora enquanto o navio se afunda cada vez mais.

Meus senhores. Povo Açoriano. Isto acaba aqui. Nós, todos nós, somos os passageiros deste barco desgovernado, com a quilha já à mostra. Temos de salvar os Açores deste governo e perder qualquer ilusão de que este governo nos pode salvar.

Salvar os Açores da situação calamitosa em que nos encontramos é uma tarefa grandiosa. É uma tarefa que exige o fim do poder político que se eternizou no governo dos Açores, sem qualquer precedente no âmbito do poder democrático da Europa Ocidental.

Pedir ao atual governo que se demita talvez seja pedir demais a um partido que se enquistou e parasita atualmente o corpo da sociedade açoriana. Mas é um serviço patriótico que é exigível pedir a alguém que demonstrou, de forma insofismável, que não tem capacidade para resolver os graves problemas com que se confronta a sociedade açoriana.



Representação Parlamentar do  
Partido Popular Monárquico  
Açores

Por isso peço. Demitam-se, meus senhores! Demitam-se e prestem assim o único serviço que estão em condições de prestar ao Povo dos Açores. Demitam-se de uma tarefa que não está ao vosso alcance. Demitam-se! Tenham a coragem de prestar esse derradeiro serviço ao Povo dos Açores.

Viva os Açores!

O Deputado do PPM,

Paulo Estêvão